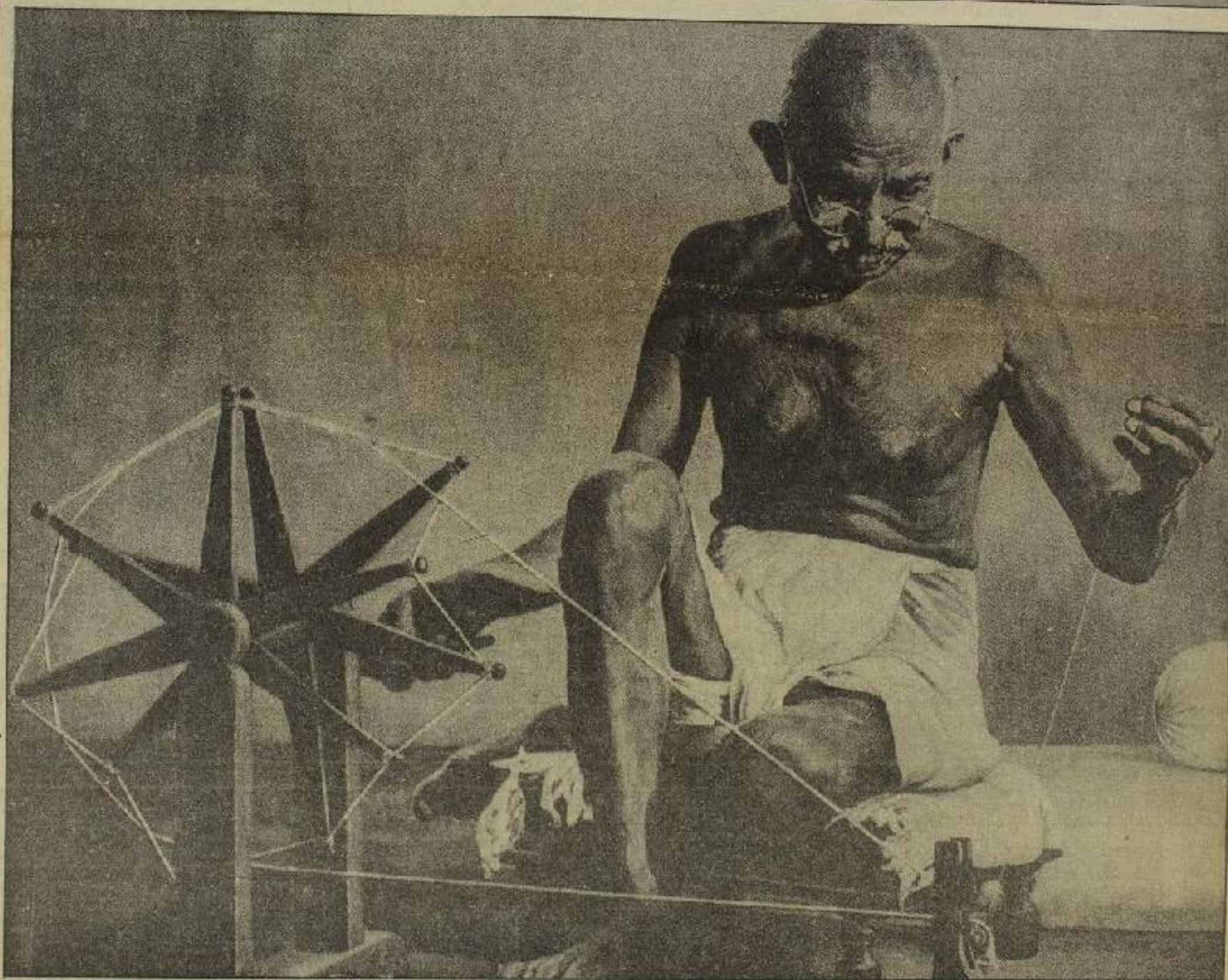


JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Ano VIII - Boletim nº 10 - 1989 - Editado pelo Setor de Divulgação do SERPAJ-BRASIL



A NÃO—VIOLÊNCIA EM DEBATE



“Foi minha dedicação à verdade que me levou ao campo político. Por isso, posso dizer com toda a convicção que nada entendem de religião, aqueles que dizem que religião não tem a ver com política”.

Mahatma Gandhi

Informações de nossos núcleos



Núcleo de Carapicuíba (SP): O grupo de Não-Violência em Carapicuíba gostaria de compartilhar com os leitores de JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA os seus trabalhos.

No primeiro semestre de 89, realizamos 16 reuniões e um ciclo de palestras com o grupo de idosos, no bairro Munhoz, periferia de Osasco. Estudamos os seguintes temas: o processo natural de envelhecimento, o idoso, a família e a sociedade; o idoso e o preconceito; criação de um grupo de expressão corporal para idosos e cuidados constantes com a pressão arterial. Temos também um curso de alfabetização de adultos com 15 pessoas matriculadas, nas maio-

rias idosas. Este curso conta com a participação, por exemplo, de uma senhora de 88 anos junto com sua filha de 62 anos.

Na União dos Moradores do Ariston, município de Carapicuíba, além da Ação de Natal que contou com a participação de 300 crianças e 80 adultos e jovens, realizamos, de janeiro a junho de 1989, reuniões mensais para reivindicar creche, parque infantil e outras melhorias para o bairro. No Jardim Tonati e adjacências, realizamos palestras de não-violência para casais à nível de encontro e para grupos de CEBs; desenvolvemos um trabalho de base, através de um companheiro do grupo, na organização da categoria da SABESP (Saneamento Básico de Água e Esgoto do Estado de São Paulo) a nível de Estado. Estamos presentes nas lutas populares pela água no bairro - já foram feitas seis grandes assembleias em 4 bairros da região e seis reuniões no Jd.M. Beatriz; pretendemos a construção de um reservatório para abastecer 17 bairros da região.

Estamos na perspectiva de realizar um curso preparatório para os exames do Senai, com início previsto para a primeira quinzena de agosto, com 16 inscritos; conquistar uma rua de lazer para as crianças, com concursos de pipas e show de música popular brasileira, apresentando pelos artistas populares da periferia.

Antonio Ferreira da Silva

Núcleo de Itapevi (SP): Nosso grupo é constituído de cinco companheiros que estão comprometidos na luta por uma sociedade mais justa e fraterna. Estamos atuando na Sociedade Amigos do Bairro que é hoje a mais respeitada pelas autoridades - dados municipais comprovam a honestidade e a sinceridade de um trabalho comprometido.

Está acontecendo em Itapevi o desejo de várias famílias de posseiros que estão na terra a mais de 30 anos. Nosso grupo está todo empenhado na luta em favor desses sem-terra juntamente com outras entidades e organizações: próprios moradores da terra, comunidades, Câmara de Deputados, advogados, igreja...

Núcleo de São Carlos (SP): No dia 15/07/89 fundamos uma entidade com o nome de SOCIEDADE DE PROTEÇÃO AO CONSUMIDOR DESFAVORECIDO (S.P.C.D.), cujo o objetivo principal é: CONSEGUIR FORMAS POR VIAS PÚBLICAS OU NÃO, PROMOVER PROGRAMAS ESPECIAIS DE APOIO AOS CONSUMIDORES EM GERAL, INCLUSIVE OS MAIS DESFAVORECIDOS. Todos os associados da mesma são membros do SERPAJ - núcleo S. Carlos. Vamos trabalhar todos juntos com a metodologia da Não-Violência - Ativa.

Luiz Tertulino dos Santos e Aldo P. da Silva. Pera

Terra para morar - não para especular

Dia 25 de junho de 1989, em Florianópolis, foi realizada a 1ª Romaria dos Sem Teto.

A romaria teve a participação dos moradores da grande Florianópolis com cerca de 30 comunidades nem total de quase 2.000 (duas mil) pessoas; havia muitas faixas, cartazes e uma grande animação. Teve um percurso de 8 Km, com cinco paradas, e final na Catedral Metropolitana. Na 1ª, em Vila Aparceida, foi apresentado aos Homens uma réplica de um barraco que foi o símbolo dos Sem-Teto e que seguiu na frente de toda a caminhada. Estas paradas eram feitas para denunciar todas as injustiças vividas por eles na luta da conquista do teto.

Na Romaria também teve representantes dos Sem-Terra que, em uma das paradas, colocaram todos os seus pertencimentos na luta da conquista pela terra. Nestas paradas, os moradores de rua e os jovens também colocaram toda a luta de estar numa



cidade grande e sem ter um trabalho digno para o sustento.

Nas escadarias da Catedral foi celebrada a missa com um cântico vivo; ofereceu-se; ter-

ra, o barraco, encerrando uma família sem teto, por a vitória.

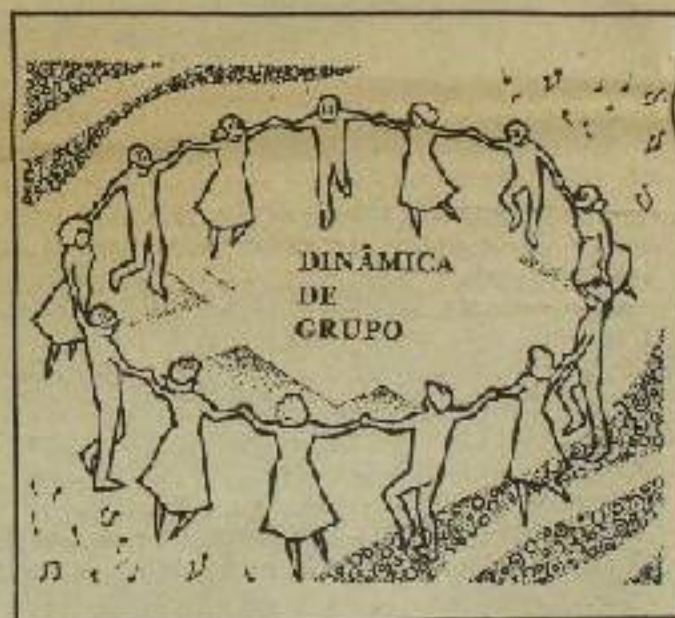
No final da missa foi abençoado o barraco, símbolo dos Sem-Teto, que irá visitar todas as áreas de conflito de Florianópolis. Depois da missa foi feito um almoço comunitário numa divisão de lanches.

Para terminar a Romaria, várias comunidades apresentaram um número artístico, onde tiveram: canto, dança afro, teatro Sem Teto, capoeira e o famoso bol de mamão.

Acreditamos que esta primeira Romaria dos Sem Teto foi, sem dúvida, um grande sucesso. "A verdade é dura como diamante e rebecada como a flor de pessegueiro".

(Gandhi)
Cida e Fátima - Florianópolis - SC

Resolução de conflitos (1)



A partir desse número do Boletim, publicaremos uma série de dinâmicas de grupo cujo objetivo é fazer com que nossos militantes tenham acesso e utilizem novas formas de transmissão e vivência de nossas ideias: é preciso que sejam aplicadas nas reuniões, escolas, comunidades.

As dinâmicas de resolução de conflitos são úteis para aprendermos a resolver conflitos, reconhecer suas causas e ser diferentes níveis e interações (pessoal-grupal-social-institucional), como buscar possíveis soluções.

NOME: O GATO E O RATO

OBJETIVO: reflexão sobre as relações de superioridade-submissão.

PROCEDIMENTO: 1) Le: lentamente, porém com animação, e marcar largas pausas entre um momento e outro, com a intenção de deixar tempo para sentir a situação. Pedir aos membros que fiquem de olhos fechados.

2) Narração do seguinte texto: Feche os olhos e imagine que você está saindo desta sala de reunião e que está caminhando por uma estrada. Você chega a uma velha casa abandonada. Suba as escadas da porta de entrada. Empurre a porta e vê o interior escuro e vazio da casa.

A) De repente você é invadido por uma estranha sensação. Seu corpo começa a tremer e sente que começa a ficar cada vez mais pequeno. Continua diminuindo rapidamente...

B) Você está mudando de forma. Seu nariz se alonga e seu corpo se encolhe de polo. Nesse mo-

mento você está de quatro patas e compreende que se transformou num rato. Você escuta um barulho e vê a porta se abrir ligeiramente. Retrou um gato na casa!

C) Ele senta e olha ao seu redor. Avança tranquilamente pela casa; ele percebe sua presença. Você está imóvel, petrificado. Ouça as batidas do seu coração, sua respiração está acelerada. O gato se aproxima lentamente. Ele para diante de você, se agacha. O que você está sentindo? Que pode fazer? Neste preciso instante que alternativas tem? Que decide fazer? (Um minuto de silêncio)

D) Justamente nesse momento em que o gato se dispõe a pular sobre ti, seu corpo começa a tremer novamente. Sente que está se transformando: desta vez está crescendo. O gato parece ser pequeno e também está mudando de forma. Ele se transforma em rata e você em gato. Como está se sentindo agora? O que acha do rato? O que vai fazer? (Um minuto de silêncio)

E) Tudo começa a voltar ao normal. Você está crescendo mais e mais. Recupera o seu tamanho e volta a ser você mesmo. Sai da casa abandonada e retorna à nossa sala de reunião. Podemos abrir os olhos?

3) REFLEXÃO: analisar o que ocorre nas relações quando uma pessoa se encontra na situação de superioridade; analisar as relações de forças internacionais entre países ricos e pobres.

Expediente

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA

Publicação Semestral

Serviço Nacional Justiça e Não-Violência - Serpaj/Brasil

SEDE: Vendício V - 1/313

70 300 - Brasília - DF - Brasil

Telefone para contato:

(061) 224-8738

Coordenação e responsabilidade

de elaboração:

Marco Antônio Gonçalves e Silvio Tertulino Gonçalves

Endereço para assinaturas e envio de artigos:

Rua dos Formigos, 40

Bairro Guaraná

93.080 - Caselas do Sul - RS

Distribuição interna

Diagramação: Adenias Luiza de Oliveira

Serviços gráficos: jornal Pioneiro

A luta não-violenta é um meio de contrabalançar forças, meio este que tem a maior possibilidade de instaurar a liberdade e justiça verdadeiras. (Gandhi)

SERPAJ-Brasil resgatando sua história

1ª parte (1962 a 1978)

Os anos de 1962, 1963 e 1964 foram marcados pelo rápido crescimento das lutas populares: a força popular chegou até a ameaçar a estabilidade das forças burguesas que tradicionalmente dirigiam o país. Isso provocou a união de todas as forças reacionárias burguesas, dirigidas pelos interesses do imperialismo norte-americano e a aplicação do golpe militar de 31 de março de 1964, com o objetivo de sufocar os vários movimentos populares existentes no Brasil inteiro, fazendo impor uma nova estrutura social e uma nova ideologia.

Procurando justificar a "revolução vitoriosa", os militares proclamam o Ato Institucional de 3 de abril, que deveria ser o único e acabou sendo o primeiro de uma série. Foi implantado em junho, o Serviço Nacional de Informações (SNI), cujo poder misterioso cresceria sem interrupção nos anos seguintes.

Estamos convencidos de que o regime de força e opressão, estabelecido em 1964, fez surgir, em vários pontos do Brasil, uma nova forma de resistência e denúncia. Se, por um lado, grupos violentos se levantaram para dar seu testemunho de inconformismo, outros também resistiram, de forma diferente, marcada pelo exemplo da luta desenvolvida por GANDHI contra o colonialismo na Índia e por MARTIN LUTHER KING contra o racismo nos Estados Unidos.

Em São Paulo, na faixa operária, ocorreram as primeiras manifestações da Não Violência Ativa por ocasião da greve que durou 46 dias dos operários da Fábrica de Cimentos Perus - SP, em 1968. A firmeza dos trabalhadores era diferente de tudo quanto ocorria na vida sindical. As prisões, as queixas-crime, renovadas após 1964, quando o sindicato sofreu duas intervenções, não esmoreceram a FIRMEZA PERMANENTE dos trabalhadores. Em maio de 1960 surgiu a Frente Nacional do Trabalho (hoje Frente Nacional dos Trabalhadores), entidade civil que representa desde sua fundação, uma janela de liberdade e solidariedade ao sindicalismo desatrelado do Ministério do Trabalho. Em 1962, recebemos a primeira visita: o casal Jean e Hildegard Goss-Mayr, da França, representantes do Movimento Internacional de Reconciliação (MIR); eles estimularam o nosso trabalho e colocaram-nos em contato com outros grupos da América Latina (AL) e da Europa.

1965: a ditadura vai tomando corpo. Ao ser derrotado nas eleições estaduais em MG e no RJ, o governo edita o Ato Institucional nº 2, em outubro deste ano, que acaba com todos os partidos políticos e permite ao Executivo fechar o Congresso Nacional quando bem entender; torna indiretas as eleições para presidente da República e estende aos civis a abrangência da Justiça Militar.

No prática, só poderão existir, daí para frente, dois partidos políticos: um governista (ARENA) e outro da oposição consentida (MDB) mas sem contestar o regime. Pelo Ato Institucional nº 3, de fevereiro de 1966, também as eleições para governadores dos Estados são tornadas indiretas.

Em março de 1967, o Brasil ganha uma nova constituição, uma nova Lei de Segurança Nacional e uma Lei de Imprensa. Ocorreu, nesse ano, no Instituto Social do Morumbi - SP, o Seminário de Estudos das Transformações Sociais na AL à luz da encíclica "Populorum Progressio", promovido pelo MIR e pela FNT. Analisando sócio-político-econômico-religiosa existente na AL, ressaltando principalmente a situação brasileira, sentiu-se a necessidade de aperfeiçoar e ampliar as experiências iniciais de não-violência apresentadas pelos brasileiros; tornou-se pública a decisão do grupo em fundar "um movimento destinado a organizar uma estratégia específica de ação direta não-violenta contra o subdesenvolvimento e a injustiça social".

Devagar a oposição ao regime vai adquirindo força no âmbito das ruas das fábricas e das escolas,

apesar de toda a repressão. Em março de 1968, no RJ, a polícia intervém contra uma manifestação de estudantes e mata o secundarista Edson Luis, de 18 anos.

Aos 4 de abril de 1968 foi assassinado, em Memphis - EUA, MARTIN LUTHER KING. Tinha 39 anos e sua vida fora dedicada à luta em favor dos negros dos EUA; era uma testemunha heróica da força da não-violência. Com sua morte pretendia-se silenciar a voz de um homem que, persistindo no ideal do amor cristão e não na violência, foi capaz de conduzir a população negra norte-americana a uma liberdade que não tinha sequer sonhado. "Se quiserem dizer que fui símbolo, digam que fui símbolo da justiça, um símbolo da paz, da retidão. E todas as demais coisas superficiais não importarão. Não tenho dinheiro para deixar atrás de mim. Não tenho coisas bonitas e luxuosas na vida que deixar atrás de mim. Só quero deixar atrás de mim uma vida de compromissos".

Neste período, a burguesia quer garantir um período de forte expansão econômica com mais arrocho; por isso, em 13.12.68, os militares decretam o Ato Institucional nº 5. É uma nova fase da ditadura militar, agora sem disfarces, cujas características são as seguintes:

- aumenta a perseguição aos trabalhadores nas fábricas, nos bairros, no campo. Assassinatos, torturas e prisões passam a ser rotina.
- os militares tentam e conseguem enganar boa parte do povo com ilusões. É a época do "Brasil ame-o ou deixe-o", "Prá frente Brasil".
- o arrocho apertou mais: foi a hora do "vamos fazer o bolo crescer para depois dividir", segundo as palavras do Delfim.

De outro lado, o país vive a fase do "milagre econômico" dos grandes projetos e das obras faraônicas, como a ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica.

Em nível de NVA, no ano de 1969, o pastor metodista Earl Smith, de nacionalidade norte-americana, cria em Montevideo-Uruguai, um secretariado de Paz e Justiça. Virgílio Uchoa e Luiz Viegas, brasileiros, participam desta iniciativa. De Belo Horizonte-MG, emitiu durante vários anos um boletim intitulado JUSTIÇA E PAZ. Em 1971 o mesmo grupo promoveu a reunião de Aruelas, Costa Rica, estabelecendo metas para a caminhada do Secretariado.

Quando D. Paulo Evaristo Arns assumiu a direção da Igreja em São Paulo em 1970, uma de suas primeiras iniciativas foi reunir os vários representantes de grupos ecumênicos não violentos do Brasil. Antes de assumir a Arquidiocese de São Paulo, o Cardeal Arns já havia escrito defendendo a prática da NVA - "A guerra acabará se Você quiser" (Edições Paulinas).

O segundo semestre de 1973 começou a mostrar sinais da falência do "milagre" - quadro que seria agravado com a eclosão da crise do petróleo. O ano de 1974 é o ano do voto de insatisfação e de protesto que estoura nas eleições políticas de novembro. Foi uma eleição plebiscito: "Não à ditadura". Ninguém mais quer este governo que aí está.

Procurando sempre mais uma organização da NVA, na cidade de Medellín - Colômbia, representantes da NVA latino-americana, norte-americana e europeia, realizou o 1º Congresso Continental. Jean e Hildegard Goss-Mayr, estiveram presentes na qualidade de secretários gerais do MIR. Do Brasil, representando a FNT estiveram presentes João Breno Pinto (operário da Perus), e Carmem Myriam Kraemer (do grupo interno da FNT). Neste Congresso elegeu-se Adolfo Perez Esquivel coordenador do SERPAJAL (Servicio Paz y Justicia para América Latina). Neste encontro também tirou-se a conclusão de que cada país devia ter o seu SERPAJ nacional.

Adolfo Perez Esquivel, escritor e professor na Argentina, há longos anos vem lutando de forma não-

violenta em defesa dos pobres, índios, negros e oprimidos. Por isso, foi preso e torturado pelos militares de seu país. Mas o seu testemunho de firmeza foi reconhecido: recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1980.

Fevereiro de 1975 em Buenos Aires - Argentina. Acontece o 1º Seminário de Treinamento da NVA. O Brasil participou com três companheiros da FNT: Salvador Pires (metalúrgico), Joaquim Rosinha de Mello (metalúrgico) e José Alamiro Andrade e Silva (frade franciscano). Reafirmou-se a necessidade de se ter um SERPAJ nacional.

Um dos encontros fundamentais para a articulação da entidade foi certamente o realizado em outubro de 1975, na Freguesin do O - SP. O objetivo era aprofundar a NVA lendo em vista a realidade brasileira. Vários acontecimentos marcaram esse encontro: vivendo numa época de repressão militar, ocorreu a invasão da casa de Pe. Domingos Barbé por agentes da DOPS e o sequestro do companheiro Manoel da Conceição. Neste período, ocorreram nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, dois assassinatos sob torturas: o primeiro vitimando o jornalista Vladimir Herzog; o segundo tirou a vida do metalúrgico Manoel F. Filho, em janeiro de 1976.

Em 1977, houve o Encontro Regional da NVA no Seminário da Penha - SP, com a participação de 74 militantes e simpatizantes da Firmeza Permanente. Em maio do mesmo ano aconteceu em João Pessoa - PB, um encontro nacional, com a participação de 90 companheiros de diversos estados do Brasil e de vários agrupamentos não violentos, onde se tomou a decisão de se criar o SERPAJ-BRASIL.

No dia 21 de abril de 1978, às 15 horas, em São Paulo, na Av. Ipiranga 1267 - 10º andar, na sede da Câmara Brasileira do Livro, realizou-se a ASSEMBLEIA DE FUNDAÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA. Estavam presentes nesta ocasião, 172 pessoas e 45 representantes por procuradores.



Celebração ecumênica no ato de fundação do SERPAJ-Brasil.

O advogado e companheiro Mário Carvalho de Jesus, em entrevista dada ao jornal "O Estado de São Paulo" (16.04.78), ressaltou que "a ideia é procurar articulação de nível nacional e internacional com pessoas e entidades empenhadas na defesa dos direitos humanos. O Secretariado terá uma função pedagógica para difusão da prática da NVA. Funcionará, segundo ele, como uma espécie de estação central dos movimentos da defesa da integridade humana, recebendo relatórios de atitudes concretas, nas áreas urbanas ou rurais, e encaminhará conclusões e temas para reflexão a cada um de seus núcleos regionais. A filosofia da NVA - chamada na Europa, de "Violência dos pacíficos" e que tem também o lema de FIRMEZA PERMANENTE, não admite a omissão ou a covardia. "Nós podemos morrer mas não podemos correr" juraram os operários de Perus, reunidos em frente da fábrica de J.J. Abdalla, em 1967, e esse juramento, seguido até o final da disputa contra o mau-patrão, é considerado a semente da NVA no Brasil. (Organização: Marco Antônio Gonçalves)



O Boletim JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA traz nesse número, uma entrevista exclusiva com Dom Luciano Mendes de Almeida, Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Expõe-nos suas idéias sobre a não-violência-ativa e sobre a atuação do SERPAJ/BRASIL no presente momento histórico brasileiro. Esta entrevista foi realizada no dia 19/07/89 em Brasília (na sede da CNBB).

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Todos nós sabemos, através de seus pronunciamentos oficiais, em palestras, em cursos, que o senhor tem uma afinidade com a Não-Violência-Ativa. Entre nós, militantes do SERPAJ/BRASIL, temos duas análises sobre ela: uma que a considera como mística, como modo de ser; e outra que a tem como uma estratégia de luta. Gostaríamos de saber sobre qual é a sua visão de "Não-Violência"...

DOM LUCIANO: A Não-Violência reflete o valor evangélico que está na esperança que o mundo chegue a uma convivência fraterna, a uma sociedade pacífica, sinal do Reino definitivo. A violência não é caminho para a paz porque, por métodos violentos, não se atinge a relação fraterna e pacífica; porque o processo que inclui a violência não pode admitir a não-violência. Ele já leva dentro de si aquilo mesmo que ele quer superar.

Por outro lado, qualquer ato violento é contra alguém e, segundo o Evangelho, no Sermão da Montanha (Mt 5), Jesus disse que devemos amar os inimigos: "amai os vossos inimigos, fazei o bem a quem vos ofende, rezar por quem vos calunia e persegue, e sereis filhos do vosso Pai". Portanto, nós devemos pagar o mal com o bem. A ação violenta seria sempre uma ação em que, aquele que nos ofende, teria uma espécie de retorno de vingança, de reprovação sobre a sua situação acompanhado, no entanto, de uma atitude de agressão.

A razão pela qual assumo a Não-Violência é, em primeiro lugar, uma razão evangélica. É claro que aos poucos ela se constitui um modo de ser; mas podemos dizer, no sentido mais profundo, que ela é também uma estratégia de luta, uma luta no sentido de empenho, de compromisso, para que o mundo chegue a esse relacionamento fraterno e pacífico.

Aqui, o que cabe é explicitar que, para quem vive ou procura viver o Evangelho, a vida do outro é mais preciosa do que a minha. Amar como Jesus amou significa amar dando vida ao outro, dando a minha vida pelo outro. O verdadeiro preceito do amor é aquele que o outro torna-se o mais importante do que nós mesmos. Daí então que, o mais significativo, dentro da atitude da Não-Violência, é justamente o reconhecimento de quanto o outro, mesmo quando me ofende, merece, pela sua dignidade, a minha colaboração para ele recuperar tudo aquilo que é exercício dessa mesma dignidade.

ENTREVISTA EXCLUSIVA: A N

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Desde 1978, com a fundação do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência - SERPAJ/BRASIL, procuramos organizar grupos que, inseridos nos movimentos populares, nas comunidades de base, sindicatos e escolas, utilizem, nas suas ações concretas, a Não-Violência-Ativa. É um desafio e uma preocupação constante: como ser não-violento numa estrutura social-econômica violenta?...

DOM LUCIANO: É a mesma coisa que perguntar: como fazer o bem quando a estrutura onde nós vivemos nos agride e nos faz mal. A resposta de Jesus é pagar o mal com o bem, nem só o bem com o bem, mas pagar com o bem, o mal que nos é feito. Portanto, frente a uma estrutura que é de pecado (numa expressão evangélica), a nossa atitude deve ser de vencimento na superação desse pecado, na força da graça de Deus em atitude de verdadeira caridade evangélica. Mas isso não se faz sem sofrimento, sem luta e, às vezes, até sem morte. Porque a estrutura sendo violenta, ela pode levar essa violência até a eliminação da vida daquele que assume a Não-Violência.

Então, a preocupação de como ser não-violento tem como resposta as atitudes de compreensão, de reconhecimento da dignidade do próximo mesmo quando ele atua contra mim e me agride e também o esforço de colocar sinais, gestos concretos de apreço, de estima, de perdão, de esperança, de recuperação no meio de uma sociedade.

Uma coisa é certa: que diante das trevas, uma pequenina luz já significa muito. Ainda que as trevas envolvam a pequenina luz, essa pequenina luz se faz visível de todos os lados: durante a guerra, avisavam que não podia fumar pelas ruas porque a ponta de um cigarro, podia ser vista de muito longe, até pelos aviões bombardeiros. É isso justamente que nós pretendemos: que uma pequena luz, um fôlego aceso, ele possa, referentemente em relação às trevas, significar toda uma mensagem de presença, de vida e de esperança. Portanto, a grande ação concreta não-violenta é feita de pequeninas ações concretas em que o apreço, a estima, o respeito à dignidade do outro aparecem cada vez mais frequentemente na sociedade. O beijo de uma mãe em seu filhinho vale mais para ela do que todo os descasos dos demais.

Assim também na sociedade o verdadeiro ato de amor tem uma força de recuperação, de renovação e de capacidade de transformar os outros muito maior do que, a primeira vista, nós podemos perceber. Uma pessoa como Mahatma Gandhi, com um gesto exemplar de não-violência, conseguiu atrair a atenção e adesão de milhões de seus concidadãos. Ainda hoje, o exemplo de Jesus, com o perdão, a compreensão, a saudação de paz e a não-violência diante das agressões, continua através dos séculos chamando a muitos para o seu seguimento.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Como o senhor vê o papel do SERPAJ/BRASIL nesse processo histórico de transformação da sociedade brasileira?

DOM LUCIANO: Parece-me um papel não só importante mas indispensável. Infelizmente a nossa sociedade, embora pacífica, tem aqui e ali bolsões de vingança, de atitudes vingativas. Nós vemos isso até no nosso interior: as pessoas revidam os golpes e como também tornaram-se frequentes os atos de linchamento de pessoas, assim como agressões brutais que nos pensávamos não estar na índole de nosso povo. É preciso o quanto antes que pessoas, pelo seu testemunho de vida, associando-se umas às outras no serviço mais consistente, procurem lembrar à população que, muito mais forte do que essa espécie de instinto de agressão, devia ser a confiança no valor da dignidade da pessoa humana e a esperança de construirmos uma sociedade justa; mesmo que ainda hoje sejam frequentes esses atos de brutalidade, de repressão violenta e outros que infelizmente estão aí nos noticiários de cada dia.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: A questão fundiária brasileira, no campo e na cidade, está atingindo níveis alarmantes. As lideranças populares estão sendo assassinadas ou marcadas para morrer diariamente. Mesmo assim, os sem-terra e os sem-teto continuam firmes na sua organização e a mostram em inúmeras estratégias de luta: ocupações de terras ociosas, passeatas e romarias pela terra, jejuns e audiências com as chamadas "autoridades competentes"... Temos consciência que, se não houver soluções imediatas, essa situação tomará rumos imprevisíveis. O SERPAJ/BRASIL tem como uma das suas linhas de ação, a Reforma Agrária e Urbana: qual a contribuição etíca que o senhor vê que podemos dar nesse sentido?

DOM LUCIANO: O SERPAJ/BRASIL tem uma afinidade muito grande com aqueles que não tem terra, não tem casa e passam por necessidades por estarem em situações de opressão. Justamente são aqueles que são vítimas da violência e por isso, devem ser mais auxiliados por aqueles que acreditam na força da Não-Violência. Como atuar?...

Parece-me que em dois níveis: em primeiro lugar, na formulação das leis - uma larga adesão do povo, da população mais consciente; as teses do SERPAJ/BRASIL podem convergir para a elaboração de normas, de leis, seja em níveis nacional, estadual e municipal, como também no procedimento individual das pessoas que pautem uma atuação condigna - quer dizer, realmente adequada à dignidade da pessoa humana. Em segundo lugar, e aí é claro, nesse primeiro ponto, insere-se a lei que vai ajudar na distribuição justa da terra, na atribuição de solo para habitação dos mais pobres, etc...

Por outro lado, é importante que além dessa modificação da lei, no regime democrático, haja uma consistente ação dos movimentos populares para que possa apressar, de modo pacífico mas firme, os seus próprios direitos. A presença do SERPAJ/BRASIL nesses movimentos há de permitir que sempre mais pessoas, com discernimento e tranquilidade, possam mostrar a importância da defesa do direito mas, ao mesmo tempo, a necessidade de salvaguardar a dignidade nessa proposta para que, ao exigirmos um direito, não sem a devida atenção, se passe à atitudes agressivas, depredatórias, altamente violentas nas suas reivindicações como nós vemos às vezes: apedrejamento de prédio, queima de carros, até agressão de pessoas que, no fundo, são fatos circunstanciais em volta de um direito básico que é justo.

Daí que, a presença de pessoas mais formadas nessa mística da Não-Violência no meio do povo, possa assegurar a verdade, a seriedade das grandes causas mas ao mesmo tempo, aquelas atitudes de espírito de comprometimento que não devem faltar nessas reivindicações.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Durante o processo de elaboração da nova Constituição, o SERPAJ/BRASIL levantou a bandeira da OBJEÇÃO DE CONSCIÊNCIA. Conseguimos, apesar das limitações, que esse direito fosse reconhecido (artigo 143). Estamos trabalhando junto ao Congresso, para complementar essa lei. A CNBB pronunciou-se favorável a esse direito, através do documento nº 36 - "Por uma Nova Ordem Constitucional" (item 69). A CNBB está divulgando esse artigo, tem planejado alguns princípios para a complementação dessa lei?

DOM LUCIANO: Nesses últimos meses não tem havido uma retomada da ação nessa perspectiva quanto me pareça por parte da CNBB. Mas esse ponto continua fazendo parte das reivindicações globais que a CNBB leva sempre a frente junto aos nossos representantes no Congresso.

No entanto, é extremamente importante que o SERPAJ/BRASIL, com seus núcleos e simpatizantes, possam manifestar ao Congresso e às Assembléias Estaduais essa bandeira da Objeção de

Valorizar as pequenas lutas não é nelas se comprazer, mas considerá-las dinamicamente como degraus necessários para uma ascensão maior. É justamente porque a caminhada é longa e o termo luminoso que cada passo, por menor que seja, possui seu valor próprio (Clodovis Boff)

NÃO-VIOLÊNCIA EM DEBATE

Consciência. Sendo um fato recente, a publicação da Constituição e o acolhimento na mesma desse ponto, serve esta ação do SERPAJ/BRASIL e de todos os que se aliam à sua ação, no sentido de consentir o povo a fim de torná-lo capaz de compreender o sentido verdadeiro da Objeção de Consciência.

Em primeiro lugar, a Objeção de Consciência afirma o dever de contribuir para o bem comum através de muitos trabalhos que, sem dúvida, são indispensáveis à caminhada de um povo para o progresso e a concórdia: por exemplo, o trabalho de alfabetização, o trabalho de acompanhamento de ações contra as calamidades, de aperfeiçoamento dos serviços públicos... Esses serviços prestados como expressão do próprio patriotismo como decorrente da dignidade da cidadania brasileira. Em segundo lugar, mostra justamente que, como há outros modos de mostrar esse patriotismo, não se deve concentrar numa espécie de serviços exclusivamente de defesa do país, mas uma defesa armada. Essa é uma concepção que precisa ser superada.

Nesse sentido, o trabalho do SERPAJ/BRASIL é altamente benéfico e, com ele, a CNBB quer sempre colaborar.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Estamos num ano eleitoral. As eleições presidenciais, após um longo jejum imposto por um governo autoritário, e a elaboração das constituições estaduais, não estão despertando, no povo, um entusiasmo como na época da campanha das Diretas e da elaboração da Constituição Federal. Como despertar esse povo para assumir seu papel na história, tendo em vista as próximas eleições?

DOM LUCIANO: Em relação às eleições, creio que é realmente um dever dizer que, pouco a pouco, o povo vai se interessando pelas eleições. Nós vemos que, não só nos cartazes, nas propagandas nos carros e na televisão, o tema das eleições vai cada vez mais ocupando espaço e sendo assumido pelo interesse do povo: isso nós percebemos no nível de família e nas discussões em comunidades... O tema dos candidatos, dos partidos e dos programas realmente vai penetrando e despertando, senão entusiasmo, pelo menos interesse.

Nessa perspectiva, aquele que examina o fato com sentido crítico deveria se empenhar e, especial de modo organizado, para que os candidatos e os partidos concentrassem mais atenção nos programas porque assim, esse período de vários meses que precedem as eleições, se constituiria como uma grande escola de formação cívica, em que cada candidato apresenta seus valores, suas metas, os processos e, digamos, as grandes opções que faz. A soma de todas essas apresentações há de contribuir para que cada cidadão, que acompanha o processo eleitoral, cresça no conhecimento dos problemas e na apresentação também de encaminhamentos de soluções.

Portanto, se nós quisermos despertar o povo para assumir seu papel na história, deveríamos também contribuir, aliados à outros que já pensam na mesma perspectiva, para suscitar nos candidatos uma criatividade maior na apresentação de programas e, dentro do espírito da não-violência, evitar toda a retaliação, ofensas recíprocas — o momento não é para isso — mas é para somarmos forças para a construção de um grande programa nacional em que todos possam decididamente, voluntariamente colaborar.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: Para completar sua análise das eleições, gostaríamos de saber sua opinião sobre a questão da dívida externa: por que não está sendo assumida seriamente pela maioria dos candidatos a presidente e seus respectivos partidos?

DOM LUCIANO: Tenho a dizer o seguinte: infelizmente é uma dívida. Foi emprestado dinheiro ao Brasil. Portanto, o Brasil podia não ter feito esse empréstimo pelo menos, podia ter assumido com mais

visão da responsabilidade essa quantidade de dinheiro que veio para acionar o processo de desenvolvimento nacional.

No entanto, uma vez assumida a dívida, aqui cabem três pontos: primeiro, é rever o caminho que essa dívida fez porque, segundo os competentes, houve aí alteração no pagamento de juros que ficaram muito elevados; em segundo lugar, é estudar o melhor processo para que essa dívida seja capaz de ser paga pelo Brasil, sem o demasiado sacrifício da população mais pobre. Não se pode admitir que um país, considerando a dívida como um valor maior, descuide de outras exigências que o próprio país deve enfrentar como a sobrevivência e o desenvolvimento das camadas mais pobres da população. Em terceiro lugar, é preciso também que essa atenção ao pagamento da dívida externa nos leve a perceber quais foram as falhas que os administradores públicos cometeram porque alguns dizem, parece que está suficientemente provado, que parte desse dinheiro não foi aplicado naquelas intenções que estavam nas metas do capital assumido em empréstimo. Portanto, há aqui uma questão de honestidade pública que não deve ficar esquecida pois o povo, que paga essa dívida, tem também o direito de avaliar as falhas cometidas no uso desse capital.

De minha parte, não quero deixar de acrescentar mais um ponto: é que há muitos brasileiros que têm capital no estrangeiro e que, portanto, superam os efeitos da inflação e conseguem se manter em nível até de bem estar pessoal, familiar e empresarial, enquanto o povo sofre muito os efeitos dessa dívida externa. Talvez, no pagamento dessa dívida, na superação da situação atual, devêssemos contar com o patriotismo, a ser despertado nessa parte da população, para que eles atendam a extrema necessidade do povo e coloquem seu capital, senão em forma de doação a serviço do povo, pelo menos empreendendo uma série de iniciativas para aumentar as oportunidades de trabalho fazendo do seu capital, um capital atuante na doação de trabalho e não um capital sempre mais aplicado em investimentos financeiros. Isso quer dizer, preferir os investimentos produtivos, que oferecem condições de produção para o país e dão margem a novas faixas de trabalho, e renunciar aquele ganho fácil que vem do capital sempre de novo aplicado para rendimentos que são ainda hoje muito altos, com o vício de não serem empregados na multiplicação de oportunidades de trabalho para a população largamente desempregada e subempregada.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA: O senhor teria alguma mensagem para dar aos nossos leitores e militantes do SERPAJ/BRASIL?

DOM LUCIANO: Uma palavra ainda de conclusão é a de convidar aqueles que hoje acreditam na importância da Não-Violência, a manterem-se firmes no seu testemunho. Hoje, como percebemos, é ainda muito viva a atração da violência, ao recurso concreto à violência. Só a firme e ousada atuação desses grupos mais conscientes da Não-Violência podem oferecer resposta a esta triste realidade da violência no mundo, que não só aparece sob a forma de guerra, de opressões, de injustiças sociais, como também nas frequentes propagandas dos meios audiovisuais, especialmente dos programas mais populares da televisão.

Que diante dessa avalanche de violência haja assim, rochedos de firmeza que possam oferecer resistência àqueles que acreditam na força física, na agressão contra seus irmãos, demonstrando que, muito maior que a violência é esse testemunho de apreço à fraternidade e à paz. Naturalmente que essa atitude não seja apenas fato da nossa convicção pessoal mas resposta à ação interior do próprio Deus que nos comunica em Jesus Cristo seu espírito de firmeza, de amor e de paz.

Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA



A Dívida Externa é o mais sério problema enfrentado pelos países da América Latina e Caribe nas últimas décadas: no Brasil, é uma questão de extrema gravidade pois está sendo paga com o trabalho, o suor e o sangue do povo brasileiro.

A crise em nossos países está diretamente relacionada ao problema da Dívida, não só pelo impacto econômico que tem se traduzido em recessão, inflação e imensas dificuldades, mas também pelas consequências sociais e políticas que a Dívida Externa impõe.

Para que tenhamos uma idéia, gostaríamos de citar alguns dados coletados pelo CONIC e SESI, em sua consultoria nacional sobre a Dívida Externa:

*** nos últimos 18 anos, de 1972 a 1988, o Brasil pagou cento e setenta e seis bilhões de dólares, e ao final desse pagamento, ainda estamos devendo cento e quinze bilhões de dólares;

* em 1988, pagamos dezessete bilhões de dólares pelo serviço da dívida. Essa quantia seria suficiente para construirmos 31.700 salas de aula para atender sessenta milhões de alunos, ou para construir sete bilhões e setecentas mil casas populares, o suficiente para servir de residência a 30 milhões de pessoas.

Fica assim evidente que a Dívida Externa não é uma questão meramente técnica que interesse somente aos tecnocratas. Ela tem repercussões sociais tão graves que precisa ser compreendida e tratada como uma questão política. As consequências do aumento constante dessa Dívida estão aí: o aumento da miséria e da pobreza, a fome, a saúde precária, inchamento das favelas, a prostituição, o analfabetismo, o menor abandonado e a violência urbana e rural...

Afirmamos nossa convicção de que a presente Dívida Externa brasileira não deve ser paga porque já foi paga e porque a continuidade de seu pagamento somente agravará mais ainda a exploração do já sofrido povo brasileiro. Sabemos que esta tomada de posição levantará inevitáveis conflitos de interesses. Contudo, é a nossa escolha estar ao lado das maiorias empobrecidas de nosso país.

(S. D. SEIB A.)

"Mais uma vez a vida vai vencer a morte e o amor vai vencer o ódio...o povo está sempre a favor da justiça, da lei, do amor e da paz."

(Presidente da Nicarágua, Daniel Ortega - 1989 - 10 anos de Nicarágua livre)

Educar para a Paz: experiências em sala de aula

Sabemos que a bandeira Educar para a Paz é um dos objetivos do SERPAJ-Brasil pois entendemos que a educação é um dos elementos principais para a formação de uma pessoa. O tema é de uma importância enorme para quem visa melhores dias em nossa atual conjuntura brasileira, principalmente quando se refere a crianças e adolescentes de nosso País que convivem com a precária situação do ensino no Brasil.

Foi-me solicitado uma partilha de minhas experiências com alunos de escola pública onde realizei técnicas pedagógicas no Educar para a Paz. Antes, porém, de relatá-las gostaria de citar trechos do texto Educar para a Paz — reflexões e esperanças editado no Boletim Nacional de abril de 1988, página 08. Dentre tantos questionamentos, lembrei que enquanto gastamos 45 minutos numa sala para educar e compartilhar experiências com os educandos, em poucos minutos a TV despeja dezenas de imagens e "falagens" com ideologias diversas deixando quem assiste cego e insuflante para anestesia a consciência crítica. Diante do amadorismo de muitos educadores refletimos qual a distância existente entre eles e os educandos? "Dilar" conhecimentos, "professar", dizer como deve ser feito o educar? Baseado nas leituras de Paulo Freire, lembrei-me que o educando não é uma garrafa vazia que deve ser "enchida", sufocada limitando o gesto livre e criador. O que responder a uma criança que diz que "escola é castigo"? E ainda: há possibilidades de iniciarmos uma educação para a paz antes de mudarmos o Sistema?

A massificação, como distorção do poder, transforma nosso educando em objeto-conformado, matando o sujeito, excluindo-o das decisões e, consequentemente, fabricando mais um apático e desinteressado estudante.

Enquanto lutamos por melhores dias, por uma sociedade justa e fraterna tendo como fermento a mistica não violenta, vamos fazendo "das tripas coração" de acordo com a capacidade e possibilidade de cada um.

Passo a relatar, especificamente, minhas experiências nestes últimos quatro anos e meio onde lecionei no C.E. Prof. Yânia Mara Faria e Silva Lock's situado no município de Biguaçu, periferia da Grande Florianópolis-SC.

Trabalhei na área de Educação Religiosa Escolar sendo que em 1989 substituí a professora de História e OSPE por quase seis meses. Os alunos eram desde a 5ª série do 1º grau até o 1º ano do 2º grau.

Começo citando os trabalhos realizados com as 2ª e 6ª séries do 1º grau. Com estas turmas sempre procurei desenvolver o básico da religiosidade humana, a nível ecumênico, onde era desenvolvido métodos de debate-reflexão, redação, trabalhos em grupo com desenhos e cartazes. Os temas iam desde o mundo em que vivemos (a criação), desde as noções de ecologia e moral até a questão sobre o término da existência (a morte). Nestes debates, procurei trazer informações recentes da atualidade sabendo que nesta faixa etária o jovem pouco se interessa em ler ou assistir notícias. Nossas reflexões procuravam sempre nos situar no dia-a-dia, em nossa realidade local, ou seja, a periferia. Levei numa certa aula o xerox do texto "O Menino e a Bomba" de Raul Leis, editado pelo SERPAJ-Paraná em 1986 onde fizaram leitura em voz alta e depois recitaram a estória com opiniões pessoais. Em outros momentos, após conversarmos sobre determinado tema (o

adolescente hoje, por exemplo) era solicitado uma redação a nível pessoal ou um desenho sem palavras. Após a realização os alunos trocavam seus trabalhos entre si e cada um dava seu parecer daquilo que compreendeu. Desenvolvemos também técnicas com recortes de gravuras e cartolina sobre um determinado assunto. No término de cada bimestre fazíamos uma roda na sala de aula e avaliávamos aquele período.

Com turmas de 7ª, 8ª e 9ª ano do segundo grau, procurei desenvolver temas da atualidade, muitos deles superados pelos próprios alunos. Nosso material de estudo eram jornais, revistas e, quando possível, áudio-visuals. Particularmente com 7ª e 8ª séries onde os adolescentes começam a desenvolver melhor a criticidade e participação, procuramos criar debates semelhantes aos que vemos na televisão onde haviam grupos de debates e outros contrários no assunto (machismo e feminismo, por exemplo). Procurei auxiliar no último livro "Direitos Humanos — pactos para uma educação libertadora" de Juan J. Mosca e Luis P. Aguirre do SERPAJ-Paraná como também consultei a textos das Campanhas da Fraternidade da CNBB. Usei áudio-visuals do IBASE e uma cartilha popular do CAMF (Centro de Assessoria Multiprofissional - Porto Alegre - RS) sobre Movimentos Populares que acabou gerando polémica pois fui acusado de "doutrinar marxista e incitar os alunos a rebelião"... mas são ossos do ofício. Fizemos trabalhos com cartolina e recortes (jornal e revista) com apresentação das equipes e exposição na própria sala de aula.

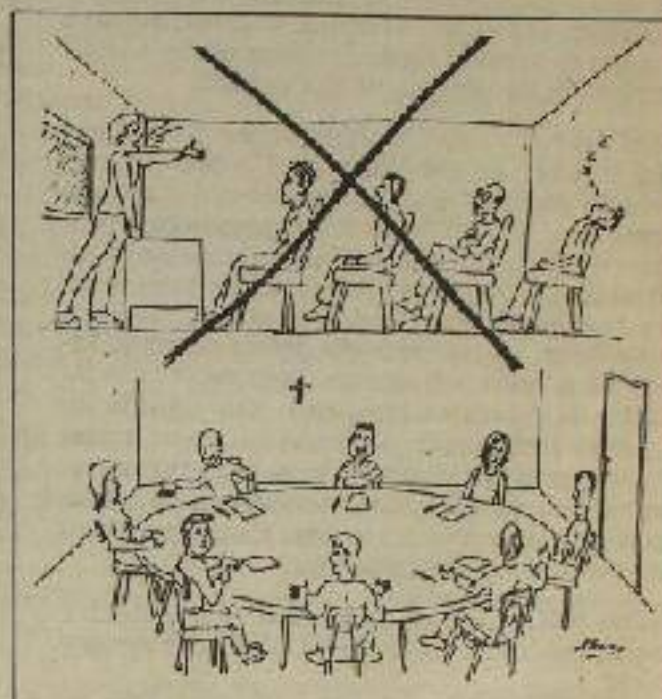
Quanto as turmas de 2º grau as técnicas acima mencionadas também foram utilizadas levando em consideração o nível de conscientização e a idade, pois no curar nemme há alunos casados, profissionais, militares sendo que a juventude solteira é maioria.

Quero ainda mencionar que ao menos uma vez por mês debáramos o roteiro da aula e fazíamos uma aula dirigida pelos próprios alunos, ou seja, sugeriam temas depois votava-se o de maior interesse, criando-se um debate e concluía-se "quando possível" pois dependendo da polémica do assunto continuava-se num outro dia.

Numa rápida pancelada das técnicas usadas quero frisar a importância que dei ao ato de redigir (redação e interpretação) pois entendo que o educando organiza melhor seu pensamento desse modo como também o estimula a ler e prepara-se para a futura prova escrita (Português) no vestibular.

A Pedagogia da Paz não envolve somente a dinâmica os temas referentes a "este mundo de educar" mas a compreensão de cada gesto e expressão dos diferentes níveis de idade. A paciência, amizade, persistência, franqueza e confiança mostrada por parte do educador também são fundamentais. Ser companheiro fora da sala de aula é fundamental. Aprendi que os jovens contam mais quando percebem uma coerência entre teoria e prática. Certa vez, levei um grupo de alunos até o centro da cidade de Florianópolis para participarem da Semana do Meio Ambiente. Ali conheceram pessoas diferentes e puderam liberar a criatividade corporal e artística.

Alguns, nos Boletins de agosto e outubro de 1988 apareceram na página de redações elaboradas por estes alunos com os temas "A exploração sobre o pobre" e "Quero um mundo sem violência", respectivamente.



Finalizando, quero ainda mencionar diversos problemas de comportamento ocorridos em sala de aula. Sabemos como é curto o tempo para os jovens ficarem 4 horas sob olhares punitivos e controle dos professores que exigem inércia total durante as aulas. A crise que enfrentamos nos diversos setores da sociedade brasileira gera insegurança, conflitos familiares, insatisfação, medo do futuro que, é claro, choca a sensibilidade da juventude e desanima professores. A cada Conselho de Classe e Reuniões Pedagógicas nos deparamos com inúmeros problemas: notas baixas, agressividade entre alunos, vandalismo na escola, desinteresse, anonimato dos pais, salas heterogêneas, falta de material didático, governo do Estado ausente, etc. Todas estas situações geram outras ainda piores e o comportamento do educando reflete este caos.

Já fiz e torno a fazer o mesmo pedido: existam outros educadores militantes do SERPAJ-Brasil e por isso abrirem novas partilhas de experiências neste campo utilizando o Boletim Nacional ou apostilas.

SÓ PARA PROFESSORES: caso você se sinta sozinho em sua escola nessa missão de educar com humanismo (como senti a maior parte do tempo) não desanime; neste exemplo se não aprender outros bem intencionados pelo menos incomodará consciências omissas e compactuantes com o sistema de exploração que aí está.

Justificando: pedi agora em agosto um afastamento de colégio pois como Liberado para o Regional Sul preciso concentrar forças nesta tarefa. Se Deus quiser volto a trabalhar em breve.

"A educação é um ato de amor por isso, um ato de coragem" (Paulo Freire)

Jesus M. Jimenez
Núcleo de Florianópolis

Educar para a Paz: encontro de formação

O Regional Centro-Oeste do SERPAJ-BRASIL realizou, nos dias 24 e 25 de junho, um encontro sobre Educação, atendendo a uma das prioridades de nossa entidade que é "Educar para a Paz". Neste encontro contamos com a participação dos grupos do Gama e Pedregal e de outros companheiros que vieram de: Celândia (DF), Guarã (DF), Goiânia e Cáceres. Os palestrantes foram: Prof. Colandi (Paridade CEUB - Brasília); Prof. Maria Luiza (da UNB); e Pastor Ricardo Wagner (Prof. da Faculdade de Teologia de São Leopoldo - RS).

O objetivo deste encontro foi o de discutir com professores, normalistas e pessoas interessadas com a questão da educação, a situação da educação brasileira e quais as propostas que teríamos para participar mais ativamente do processo de mudança desta. E dentro deste objetivo, o prof. Colandi iniciou, no dia 24/06, lembrando o conceito de Educação como mudança de comportamento individual e coletivo; foram levantadas as várias dificuldades que têm impedido a comunidade escolar de chegar a esta mudança de comportamento, concluindo que isto não ocorre somente com a comunidade escolar, mas com a comunidade em geral. Com base na cibernetica social, a professora colocou como nossa sociedade, nas mais diferentes situações, se divide em grupos que competem ou não: são os chamados grupos oscilante, oficial e natural) e que a proposta da Educação se insere, neste contexto, com a finalidade de trabalhar a conscientização do indivíduo, ou dar-lhe condições para fazê-lo. Seia um trabalho global que atinja o intelecto, a sensibilidade e ação.

No período da tarde, desta mesmo dia, foi a vez da Prof. Maria Luiza expor sobre a Alfabetização de Adultos com Método Paulo Freire, onde pudemos constatar que desde antes do Golpe Militar de 64 até as suas consequências, o que ocorreu com a nossa educação e como isto vem se refletindo claramente na decadência em que nos encontramos. A experiência com o Método Paulo Freire é conhecida pela professora desde 1986, quando este foi seu professor. Em Brasília, ela iniciou o trabalho de alfabetização de adultos, em 1985, na cidade satélite de Celândia, hoje já assessorava círculos de cultura no Gama, Pedregal e zona rural de Schrodinho

(dos quais, membros do grupo do Gama participam como coordenadores e observadores). A proposta de Paulo Freire, como todos sabem, é de uma educação libertadora e integral do homem, onde todos no círculo de cultura são educandos e educadores, pois cada pessoa troca sua experiência de vida com os demais.

No domingo, dia 25/06, foi o Pastor Ricardo que nos levou a uma série de questionamentos sobre a violência dentro de uma realidade de escola e dentro da sociedade como um todo. Foram momentos em que tivemos que arrancar de nós mesmos como separamos a violência que comecemos conosco e com os outros, para depois questionarmos a violência que o outro pratica. O Educar para a Paz é uma proposta difícil, pois nos leva a avaliar até mesmo a visão de mundo que temos, se ela é uma visão que almeja paz ou que reforça os princípios do individualismo, da competição, da exploração, culm da violência. Foi uma oportunidade onde os professores presentes puderam relatar suas experiências de sala de aula, e a partir daí foram levantadas algumas sugestões para superar a violência neste ambiente. Ricardo ficou com o material produzido pelos grupos que participaram do encontro, para analisá-lo com pessoas de outros estados, a fim de elaborar um subsídio sobre Educar para a Paz.

No final do encontro tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho do Prof. Jaime (UNB), sobre livro didático, uma análise muito rica e que vem mais uma vez desmistificar o papel do livro didático, provando, na maioria das vezes, sua insuficiência no processo de educação, servindo de instrumento da classe dominante para passar sua ideologia aos mais pobres.

Foi, sem dúvida, uma experiência muito importante esta discussão sobre Educação dentro de uma perspectiva de busca da paz. Sugerimos aos outros regionais do SERPAJ-BRASIL, que se organizem em encontros de aprofundamento como estes, pois é uma oportunidade de discutirmos mais de perto os temas que são prioridade nos nossos lutas de todo.

Maria Margarida Machado de Moura



Mensagem do II Encontro de Bispos e Líderes cristãos Latino-Americanos sobre a Não-Violência-Evangélica

Sob o tema "O processo de libertação dos oprimidos através da prática evangélica da não-violência ativa", realizou-se dia 12 a 17 de junho de 1989, em São Paulo, o II Encontro de bispos e líderes cristãos latino-americanos sobre a não-violência evangélica. O I Encontro ocorreu em Medellín em 1977. Convidados pelo Serviço Paz e Justiça na América Latina (SERPAJ-AL), reuniram-se bispos, pastores e líderes cristãos de 9 países da América Latina, como também representantes da Pax Christi Internacional e do Movimento Internacional de Reconciliação (I-FOR).

O II Encontro lembrou a chegada à América Latina dos missionários cristãos desde o século XV e XVI em consequência da expansão da Europa para o resto do mundo. Esta expansão teve um caráter injusto e violento, que não foi aceito pelos povos autóctonos, os quais resistiram e ainda resistem em muitas partes. Apesar da proclamação do Evangelho na América Latina durante quase 500 anos, construiu-se uma sociedade de opressão que, do nosso ponto de vista cristão, está contra o plano de Deus. Observamos em nossos dias um processo de libertação que em muitos países da América Latina está produzindo o término de cruéis ditaduras. Mesmo assim, percebemos que as democracias nascentes são frágeis e ambíguas, porque persiste a injustiça e a violência institucionalizada. Nossos povos se empobrecem cada vez mais e são despojados de suas riquezas pela corrupção das oligarquias dominantes e o peso da dívida externa como novo processo de um imperialismo internacional sempre atuante.

Em um ambiente ecumênico fraterno e sereno, refletimos e oramos juntos intercambiando expe-

riências e aprofundamos a prática libertadora de Jesus. Frente às estruturas injustas que afetam especialmente os pobres, existem aqueles que continuam indiferentes, outros se desesperam, e outros buscam caminhos diversos de libertação. Estamos convencidos de que a prática não-violenta de Jesus é um caminho eficaz para que os povos oprimidos se libertem e para que todos construamos uma sociedade justa e participativa.

A não-violência ativa é uma pedagogia, um método de conscientização e de luta na qual os próprios oprimidos participam como sujeitos da História e se organizam como força social e política visando superar os conflitos e edificar uma nova sociedade; resgatam sua dignidade, sua identidade e seus valores culturais; recuperam sua coragem; aprendem a ler a realidade conflitiva que os envolve bem como as causas profundas desses conflitos. A luz das Escrituras, descobrem a presença ativa de Deus nesta caminhada. Se organizam para resistir com firmeza criativa, mesmo com recursos pobres, e para conseguir - não sem sofrimentos - inúmeras vitórias que são sinais de esperança e força para continuar na luta. Os grupos se inserem na criação de um movimento popular: se apoiam solidariamente; e sugerem uma força política capaz de mudar as estruturas da sociedade.

MENSAGEM

Com o intuito de reunir os elementos comuns de muitas experiências de luta não-violenta, verificamos a validade do método já conhecido: VER - JULGAR - AGIR - AVALIAR - CELEBRAR; não como etapas separadas e estáticas, mas sim dinâmicas e

dentro de um processo permanente de libertação integral.

Estamos convencidos de que a não-violência - além de ser uma estratégia de luta e organização - é uma forma de viver o conflito e o amor fraterno, mesmo com os inimigos, seguindo os passos de Jesus. Embora privilegie a vida onde esteja mais ameaçada (os oprimidos) e acredite em suas potencialidades, não exclui os opressores. Não estamos motivados pelo ódio, nem a vingança ou rancor. Lutamos pela justiça, contra as estruturas opressoras. Confiemos que o Espírito Santo, que "faz novas todas as coisas" (Apoc. 21,5), é capaz de transformar-nos em homens e mulheres livres.

Ao terminar este II Encontro, que foi uma experiência de convivência fraterna entre diferentes igrejas, afirmamos nosso compromisso solidário com todos os nossos irmãos e irmãs da América Latina em cujos rostos sofridos se revela a face de Jesus, Servo Sofredor. Apoiemos nossas comunidades cristãs, os movimentos populares, sindicatos, instituições, grupos e pessoas que, como protagonistas ou aliados, assumem a prática libertadora da firmeza evangélica. Convidamos a outros grupos e organizações nacionais e internacionais, que se solidarizam com esta causa e com este estilo de luta não-violenta, para fazer avançar a libertação dos nossos povos. E nós mesmos reassumimos o compromisso de continuar abrindo caminhos juntos com todos os oprimidos da América Latina.

(Os participantes do II Encontro)

Fome pelo fim de toda fome

GREVE

Após o fim das mais variadas formas de pressionar e lutar por um pedaço de terra, quatro trabalhadores rurais e dois religiosos se inspiram em Gandhi e iniciaram uma Greve de Fome indeterminada. Por que? Os grevistas, acampados no Sindicato dos Bancários, Porto Alegre-RS, exigem do governo a compra imediata de 25 mil hectares de terra, promessa antiga, para o assentamento de 1.200 famílias acampadas no Estado do Rio Grande do Sul.

NEGOCIAÇÕES

Por várias vezes se reúnem em audiência, quando os grevistas já correm perigo de vida, a Executiva estadual do MST, Bispos, representantes dos mais diversos movimentos populares e alguns deputados com as autoridades governamentais. Diante da enorme pressão as promessas são muitas e diversas.

Ministro da Agricultura, Secretário Estadual da Agricultura, Governador... realmente o sonho das, nada mais de 150 mil famílias que perambulam pelas estradas do Rio Grande em busca de terra. Santa Terra, Terra tão procurada por tantos, Terra que todos nós sabemos que existe.

No início os governantes afirmam não ter dinheiro. O dinheiro, no entanto aparece. Quando aparece dinheiro falta terra à venda. Imediatamente porém o movimento dos Sem-Terras apresenta "proprietários" de mais de 40 mil hectares, dispostos a vendê-la. E agora Simon? Tem dinheiro, tem terra, o que falta? Vontade política???

SOLIDARIEDADE

Quando mal começou a greve, milhões de galochos, brasileiros e estrangeiros voltam sua atenção à

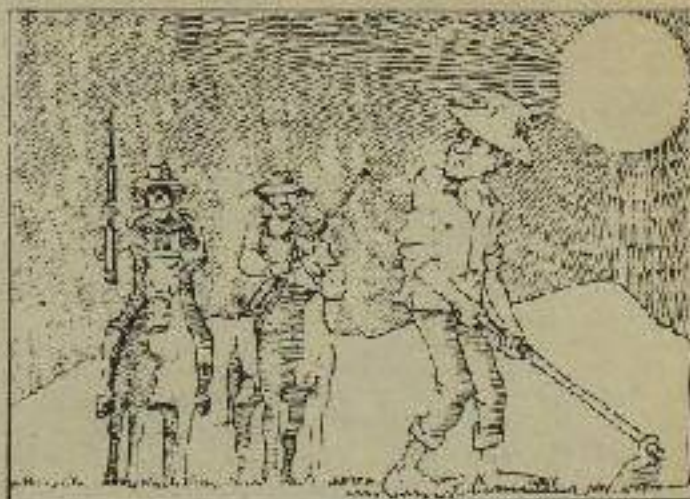
capital do Estado, onde as seis pessoas sobrevivem na base de água mineral. Sobreviverão? Até quando? E o PMDB que pregou a Reforma Agrária? Esta e tantas outras perguntas "fizeram morada" na língua de tantos gaúchos.

Caravanas de todo Estado e vizinhos se visitam os que para matar a fome de tantos se sujeitam a passar tanta fome. Agricultores, sindicatos, movimentos populares: entre eles nós do grupo Justiça e Não-Violência e igrejas, promovem jejuns e solidariedade, pelos quatro cantos do Estado. E impressionante a participação em massa. Os trabalhadores mostram que não querem a morte dos seis irmãos, não querem mártires, mas querem líderes vivos.

RESULTADO

Com centenas de manifestações de solidariedade no Estado, Brasil e exterior, milhares de visitas de trabalhadores e incentivadores; entre eles o nosso companheiro Esquivel, significativa conquista de espaço político; denúncia geral da realidade e estado de miséria dos trabalhadores; após 371 horas, sem ingerir alimentos, os grevistas resolvem encerrar o movimento; por volta das 19h do dia 28 de abril, sexta-feira. Depois de várias ameaças de ataque diversos dearmatos a greve terminou. Não terminou, porém, a negociação e pressão em vista de uma solução.

Os trabalhadores não mais desistem dessa luta. Quando a assassina UDR e Governo pensam ter desmontado e desestruturado esse movimento de "subversão" amanhecerá o dia em que, aos milhares, or-



ganizados e fortes, os Sem-Terras estarão "correndo" a Terra. Terra de Deus, Terra de todos os que nela quiserem trabalhar para assim dela tirar o seu sustento, o seu pão de todos os dias. O dia virá, disso temos certeza.

NOSSO OBRIGADO

Colocando a vida em risco, se sujeitaram a passar muita fome para matar a fome de muitos. Não foi em vão. Foi um sinal e um exemplo de coragem e de vontade extrema de querer uma sociedade diferente, justa e fraterna. O método da Não-Violência Ativa, como forma de resistência ainda dá resultados.

A vocês agricultores: Egon, Sebastião, Hélio e Otávio e religiosos Pastor Leonício e Frei Sérgio - um abraço. Deus esteve e continua com vocês. Hoje, com muito mais coragem, ânimo e força caminhamos juntos com Deus rumo à "Terra Prometida".

Gilberto - SANTO ANGELO

Sua contribuição, tanto em nível de artigos como financeira, é importante para, a manutenção do nosso Boletim.

Atualize sua assinatura anual.

Eleições Presidenciais



No dia 10 de novembro o povo vai às urnas para escolher o presidente da república, após 20 anos de abstinência.

Sem dúvida é uma marca histórica para a nação brasileira. É o encontro com a cidadania e a democracia.

Nesta eleição se dá num momento de crise profunda econômica, social e política.

A dualidade brasileira é marcante. De um lado a imensa riqueza concentrada na mão dos 5% que compõe a burguesia e de outro um contingente de empobrecidos e miseráveis que são a grande maioria do povo brasileiro.

Nosso povo não é alimentado, educado. Somos um País que não lembra da saúde, tem uma das maiores taxas de mortalidade infantil do mundo, um exército de analfabetos e pouquíssimos universitários, encontrando com esse quadro a revolução técnica.

científica. A nação que não investe e domina a ciência e a tecnologia está fadada ao domínio e pobreza.

Por outro lado, somos a 1ª economia mundial, exportamos mercadorias para o mundo, temos "superavit" na balança comercial, de milhões de dólares, usados para pagar os juros de uma dívida monstruosa e usurpadora.

O lucro de todo o trabalho gerado pela massa operária é jogado na especulação financeira e não retorna à produção.

Essa são alguns dos desafios diários de cada assalariado brasileiro. Desafios a serem enfrentados pela via democrática.

A eleição surge como um marco para reverter definitivamente essa situação.

É o aprofundamento das liberdades e avanços conquistados pelas categorias mobilizadas, em uma constituição avançada em termos de benefícios e liberdades para o proletariado e para a burguesia. O povo brasileiro teve nos últimos anos vários avanços, depois de tanto tempo de obscuridade.

É necessário que encontremos-se o país para o crescimento econômico, com uma justa distribuição da renda.

Democracia, porém, não é só voto. É memória! É a possibilidade de organização e expressão da sociedade civil.

É preciso que o próximo presidente, eleito, e respaldado pela ampla maioria do povo, seja avaliado pela sua postura política, pelo seu trabalho, pela sua proposta de governo e fiscalizada para que coloque em prática as medidas anunciadas no processo eleitoral. É preciso eleger o novo, que lute por uma sociedade melhor.

Por isso é preciso escutar debates, conhecer os "fênômenos" os bons candidatos, avaliar, para não sermos enganados pelo discurso demagógico e fácil. Se antes nada tínhamos a ver com as medidas governamentais, agora somos responsáveis por elas, a partir das eleições.

"Não gosto de político." "São todos iguais." é fruto de consciências doutrinadas, falsas e só interessa a quem domina e manobra os milhões de brasileiros assalariados e pobres.

É responsabilidade de cada um votar.

Jacilene Ramos Boeira

Pela Vida, Pela Paz: Hiroxima nunca mais!

Esta é a grita de desespero e esperança que toda a humanidade entoa. Desde aquele dia 06 de agosto de 1945, quando milhares de pessoas, nas cidades de Hiraxima e Nagasaki no Japão, foram estupidamente mortas pela explosão das primeiras bombas atômicas utilizadas contra seres humanos, não vivemos conscientemente ou não - num clima de tensão, medo e horror de uma nova guerra mundial. Já dizia Jonathan Schell, em seu livro "O Destino da Terra" (veja em dicas de leitura), que numa guerra com as bombas atômicas não há vencedores. São derrotados. Para ele, de modo brutal mas verdadeiro, "cada geração que mantém a Terra sob a ameaça de destruição nuclear, aponta uma arma para a cabeça de seus próprios filhos".

Essa ameaça parece ser mais constante no continente europeu, cortado, isso não significa que estamos vivendo em paz. Não há paz enquanto houver desempregados, enquanto crianças morrerem de fome ou então ficarem condenadas à sumariação, enquanto os direitos fundamentais do homem não forem respeitados. Para nós, não existe paz se não houver justiça... A paz é a plena realização da dignidade humana.

Lutar contra a produção de armas é lutar pela implantação de um novo tipo de sociedade não-violenta. Os gastos nas indústrias de armamentos, se fossem concentrados para os setores civis, gerariam mais empregos, para citar um exemplo, investindo um milhão de dólares no setor militar, teríamos 75.710 empregos; enquanto que, esse mesmo investimento geraria 187.389 no setor da educação. Infelizmente, ainda existem pessoas que consideram as stit-

dades armamentistas como geradoras de emprego. Não podemos esquecer também que as armas, que são fabricadas sob a justificação de "Defesa Nacional", são justificadas e comercializadas para levar a morte a outras nações. Hoje, a corrida armamentista não precisa disparar um só tiro para matar, ela mata de fome mesmo.

Não podemos ficar parados, somente analisando a realidade. É preciso participar, conscientizar, agir. Só assim irá acontecer a Nova Sociedade onde a justiça, a paz e os direitos humanos sejam as alíneas.

(S.E. SERPAJ)



Dicas de Leitura



"Não há movimento revolucionário sem teoria revolucionária". Precisamos, para sermos eficazes em nossas ações, passar por um processo de formação. Se não entendermos como é a sociedade brasileira (a economia, a política, a história, a cultura, as leis), por que ela é assim e como transformá-la - então dificilmente nossa luta avançará. Também é necessário que estudemos, com profundidade, a mística e a estratégia não-violenta, as nossas linhas de ação e de apoio.

Com esse objetivo, iniciamos uma nova seção em nosso boletim: dicas de leitura. Apresentaremos a cada boletim, uma relação de livros que seriam importantes para a formação de nossos militantes e grupos.

LIVRO: O DESTINO DA TERRA - Jonathan Schell - Ed. Record.

A obra mais completa até hoje escrita sobre o pesadelo que ameaça a sobrevivência da Terra. Seu autor, o jornalista americano J. Schell, dá-nos a pavorosa visão do que acontecerá ao homem se não agir em tempo de impedir uma destruição através das armas nucleares. Um livro que analisa e funde a questão nuclear e a calamidade sem limites e irreversível que está pondo em risco o futuro do mundo.

LIVRO: A NÃO-VIOLENCIA ATIVA - Serviço Nacional Justiça e Não Violência (Serpaj/Brasil) - Ed. Paulinas.

Uma das primeiras obras escritas pelo Serpaj/Brasil sobre a fundamentação da mística não-violenta. Dá-nos uma visão teológica e social para que os militantes assumam com mais convicção a luta pela transformação social. É um livro indicado para os grupos militantes ou simpatizantes que estão iniciando sua caminhada através da não-violência. Poderá ser adquirido através da sede nacional em Brasília.

LIVRO: PODER, LUTA E DEFESA - TEORIA E PRÁTICA DA AÇÃO NÃO-VIOLENTA - Gene Sharp - Ed. Paulinas.

A não violência é uma forma de luta que capacita o povo a se defender quer de usurpadores do governo, quer de agressores estrangeiros e, principalmente, possibilita ao povo conquistar o poder. Um dos grandes teóricos atuais da militância pela não-violência, Gene Sharp, traz também nesse livro episódios de participação ativa em manifestações onde estão em jogo os direitos humanos.

O analfabeto político

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão,

do peixe, da farinha, do aluguel,

do sapato e da remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa

o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos.

que é o político vigarista, pilantra, o corrupto.

e lação das empresas nacionais e multinacionais.

Hertold Brecht

ASSINATURAS

Quero receber o Boletim do Serviço Nacional Justiça e Não Violência.

Nome:

Endereço:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Estado:

País:

NR ou que ou vale postal:

Assinatura:

Data:

() R\$2\$5 00 - assinatura particular () Assinatura Nova

() R\$2\$6 00 - assinatura entidade () Renovação

() US\$10,00 - assinatura exterior () Permuta

Campanha de assinaturas:

Faça três assinaturas e ganhe uma de presente.

Faça dez assinaturas e ganhe uma camiseta do SERPAJ-BRASIL.

A assinatura do Boletim equivale a um ano. Para assinar, basta enviar o cupom acima devidamente preenchido e o pagamento correspondente para:

Marco Antônio Gonçalves (Redator responsável)

Rua dos Farrapos, 40 95 010 - Caixa do SUL-RS

Barro Guarani